



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

QUAL A FINALIDADE DO ENSINO GRAMATICAL EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA? CAMINHOS NO PROCESSO DE MOBILIZAÇÃO CONCEITUAL DOCENTE

Elane Nardotto^{††}
(UFBA)

Dinéa Maria Sobral Muniz^{††}
(UFBA)

RESUMO

O objetivo deste artigo é socializar a nossa busca investigativa referente à finalidade do ensino gramatical nas aulas de Língua Portuguesa numa escola de Ensino Fundamental do município de Jequié como parte constitutiva de pesquisa realizada em Educação na Universidade Federal da Bahia. Para tanto, apresenta dados referentes à mobilização dos conceitos de gramática e de análise linguística junto aos docentes.

PALAVRAS-CHAVE: educação – gramática e análise linguística – formação docente

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que circula a pressuposição de que práticas pedagógicas de Língua Portuguesa (LP) configuradas, apenas, nas atividades metalinguísticas não ajuda o aluno na sua atuação de leitor e produtor de textos. Estudos (GERALDI, 1996, 1997, 1999; entre outros) têm constatado que ensinar língua não pode ser confundido com o repasse de nomenclaturas e definições gramaticais propostas para serem aferidas nas provas escritas. Nardotto (2008) verificou, em uma

^{††}

^{††} *Professora do IFBA-Campus Jequié. Mestre em Educação e doutoranda pela FAGED-UFBA. Membro do GELING-FAGED-UFBA. elanenardoto@yahoo.com.br

^{**} Doutora em Educação e professora da UFBA. Coordenadora do GELING-FAGED-UFBA e orientadora deste estudo. sobraldm@ufba.br



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

investigação, o dado de que, entre um universo de 60 aulas de LP observadas, numa turma de 8ª série do Ensino Fundamental, 27 voltaram-se para um ritual mnemônico de nomenclaturas gramaticais em que o aluno “decorava” com o objetivo de apresentar, nas provas bimestrais, o resultado de seu esforço.

Em razão disso, Nardotto (2008) acenou algumas questões que foram se impondo e se tornando ponto de partida para que chegássemos ao debate sobre o sentido e a finalidade do ensino da gramática em aulas de LP, a saber: qual a função dos conteúdos gramaticais em aulas de LP? Qual a concepção de gramática que norteia a nossa prática pedagógica? O que compreendemos do conceito de análise linguística? O que significa articular leitura, escrita, oralidade e análise linguística? Qual o sentido e objetivo das aulas de LP?

Com tais questões, constituímos outro estudo que tomou a relação entre as concepções de gramática e análise linguística das professoras dos anos finais do Ensino Fundamental e a prática pedagógica dos conteúdos gramaticais em aulas de LP, em uma Escola Municipal, na cidade de Jequié-BA.

Esse estudo partiu, inicialmente, de um debate sobre a diferença entre ensinar língua e ensinar gramática normativa e, conforme mencionamos, já não é de hoje que estudos vêm nos mostrando (NEVES, 1990; POSSENTI, 1996) que o ensino da língua não pode ser confundido com o ensino da gramática normativa mediante memorização mecânica de nomenclaturas e regras de exceção de uma língua “ideal”. Tomar o tempo dos alunos com aulas expositivas de definições dos conceitos dessa gramática e, em seguida, pedir que eles respondam exercícios, através de palavras e frases descontextualizadas, pode não ajudar na atuação com práticas reflexivas de leitura, de escrita e de oralidade.

Partir desse argumento implica que conheçamos a história da concepção de gramática normativa e como ela se tornou paradigma do ensino da língua tornando-se o que chamamos de tradição gramatical. Atentamos-nos, por meio de estudos (KRISTEVA, 1974; BRITO, 1997; SILVA, 2002; NEVES, 2002; GNERRE, 2003; RUSSEFF, 2003; BAGNO, 2004, 2011; SOARES, 2004; GUIMARÃES, 2005;



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

WEEWOOD, 2005; NEVES, 2005; SILVA, 2006; FARACO, 2008; GERALDI, 2008) para o fato de que essa tradição se pautou, no decorrer dos séculos, em uma concepção de língua normativa-purista, em que regras de bom uso da língua devem ser seguidas e descritas.^{§§} Tal concepção constituiu-se, historicamente, trazendo no bojo relações de poder entre os usuários da língua. Tem-se como exemplo dessas relações a legitimação de uma variedade linguística em detrimento de outras, o que contribuiu para demarcar posições sociais entre interlocutores. De acordo com Gnerre,

[...] a associação entre uma determinada variedade linguística e a escrita é o resultado histórico indireto de oposições entre grupos sociais que eram e são “usuários” (não necessariamente falantes nativos) das diferentes variedades [...] a partir de uma determinada tradição cultural, foi extraída e definida uma variedade linguística usada [...] em grupos de poder, e tal variedade foi reproposta como algo de central na identidade nacional, enquanto portadora de uma tradição e de uma cultura (GNERRE, 2003, p. 8-9).

Os princípios da concepção de língua subjacentes na gramática normativa a partir, sobretudo, do “Curso de Linguística Geral”, de Ferdinand de Saussure, são criticados uma vez que a Linguística, como ciência, se despontou sinalizando que essa gramática, além de não ser científica, não descreve o verdadeiro funcionamento da língua. Com Saussure (2004) vamos assistir à defesa de que a “gramática” inaugurada pelos gregos e baseada na lógica estava desprovida de uma visão científica e desinteressada da própria língua, pois visava apenas formular regras para diferenciar formas corretas e incorretas. Ou seja, a gramática normativa tradicional formulada, inicialmente, no seio da filosofia grega, não dava

^{§§} A referida concepção de língua está presente nas *gramáticas normativas* que, de acordo com Franchi (2006, p. 16) são concebidas como “conjunto de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores”. Ainda conforme o autor, essa concepção de gramática é muito antiga, sendo denominada também de *gramática tradicional* em que se presentificam normas e descrições de *bom uso da língua*.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

conta, para o autor genebriano, de captar a estrutura da língua enquanto objeto de estudo.

Esse “pontapé inicial” apresentado por Saussure, vai refletir, no decorrer dos séculos XX e XXI, para um debate acerca do que acenamos acima: ensinar língua ou ensinar gramática normativa tradicional? Com a Linguística, tem-se uma produção científica voltada para a variação inerente ao funcionamento da língua, o que resulta na desconstrução da ideia de homogeneidade, estabilidade prescritiva e idealização, tão cara para a gramática normativa tradicional.

E quais são as implicações dos estudos linguísticos para as práticas pedagógicas de LP considerando que a Linguística, a partir de Saussure, acenou que a gramática normativa tradicional estava desprovida de uma visão científica? A primeira inferência parte do pressuposto que não podemos confundir essa gramática enquanto objeto de pesquisa e enquanto objeto de ensino, isto é, a gramática normativa foi construída, no decorrer de dois milênios, desde a Antiguidade Clássica; e transformá-la em objeto de ensino-aprendizagem, mediante identificação das nomenclaturas, é o mesmo que não compreender a diferença entre dados da ciência da linguagem e o modo como podemos tratar essa ciência na relação de ensino-aprendizagem. Outra implicação é desconstruir a falácia de que a aprendizagem das regras e descrições da gramática normativa resulta numa atuação competente das práticas de leitura e de escrita. Nesse âmbito, acreditamos que aprender a escrever se aprende escrevendo e ler se aprende lendo através de estratégias específicas para essas competências. Por fim, acreditamos na ideia de que a língua é parte constitutiva dos diferentes gêneros textuais, os quais circulam nas práticas sociais, ou seja, por trás da atuação falada e escrita, há um universo ideológico de saberes culturais e finalidades materializados nesse gêneros, o que resulta no dado de que frases e palavras descontextualizadas, como unidade de ensino, pode não ajudar os alunos no desenvolvimento das competências leitoras, escritoras e orais.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Nesse contexto, problematizamos: qual a finalidade do ensino gramatical a partir das contribuições do campo da linguística e das implicações inferidas por nós? Revisamos trabalhos (NEVE, 1990; MARINHO, 1998; MELLO et al, 2000; ALBUQUERQUE, 2001; MORAIS, 2002; MILLER, 2003; RUSSEF, 2003; SILVA, 2004; MILLER, 2004; ALBUQUERQUE et al, 2005; CUNHA, 2005; GODINHO, 2006; GRACIANO e ALMEIDA, 2006; SILVA e MORAIS, 2009; SANTOS, 2009; SOARES, 2011; SILVA, 2011; SOUZA, 2011; ANTUNES, 2007; BAGNO, 2004; 2007, 2011; BRITO 1997; FRANCHI, 2006; GERALDI, 1996, 1997 e 1999; GONÇALVES et al, 2007; NEVES, 2002 e 2004; PÉCORA, 1999; PERINI 2005 e 2007; POSSENTI, 1996; SILVA, 2002; TRAVAGLIA 2002 e 2004). Vimos, por meio desses estudos, que estamos num momento oportuno de refletir e debater com o docente de LP os conceitos de gramática e “análise linguística”, pois as proposições estão aí e como podemos mobilizá-las na prática pedagógica? Moraes (2002) e Souza (2011) mostraram, em suas investigações, a necessidade de um maior aprofundamento sobre o que se propõe o ensino de análise linguística e quais os objetivos e procedimentos metodológicos mais adequados para uma pedagogia da gramática. Sinalizam que pesquisas posteriores aprofundem essa discussão e, nesse espaço, consideramos pertinente, também, debater o conceito de gramática haja vista os estudos linguísticos, num percurso de um século, terem trazido diferentes concepções de gramática a partir de problematizações acerca das inconsistências da gramática normativa. E mais, tais concepções presentificam para nós, nada mais nada menos, que perspectivas diferenciadas de análise linguística.

Por isso, na fundamentação teórica, delineamos diferentes concepções de gramática perpassando a gramática descritiva de Saussure (2004), Camara (2000) e Perini (2007, 2007a); a gramática gerativa na visão de Chomski (2005), Possenti (1996) e Perini (2005); a gramática do Português Falado (CASTILHO, 2002 e 2004; KOCH, 2011; MARCUSCHI, 2007); o prenúncio de uma gramática textual em Travaglia (2002, 2004) e Franchi (2006); a gramática funcionalista de Neves (2004); os estudos da gramaticalização (GONÇALVES et al, 2007); e, finalmente, a



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

gramática textual de Koch (1996 e 2004) e a gramática pedagógica de Bagno (2011), para defender a ideia de uma gramática que compreenda as formas da língua como parte constitutiva da dimensão discursiva e enunciativa dos gêneros textuais.

Nesse sentido, apoiamo-nos na concepção discursiva de língua que fundamenta o pensamento de Bakhtin (1992, 1993, 2003). Acreditamos que os estudos desse autor nos possibilitam avançar no estudo dessa temática, embora o foco central das discussões dele não ter sido o ensino-aprendizagem de língua. Entretanto, encontramos em seus textos considerações teóricas do campo da linguística que surpreendem pela contemporaneidade. Dessa forma, a integração entre os conceitos de gêneros textuais e língua, na perspectiva do autor russo, pode nos ajudar na formulação de uma gramática discurso-textual.

Ainda tomamos as teorizações da Pedagogia Histórico-Cultural de Vigotski (2001) e Luria (1986) que, em linhas gerais, apresentam uma concepção de sujeito, ensino e aprendizagem das formas gramaticais da língua em consonância com a perspectiva do campo da linguística. De acordo com esses autores, o processo de hominização do sujeito ocorre por meio da mediação do outro e dos signos presentes no mundo cultural, os quais se tornam os reguladores do desenvolvimento desse sujeito para além dos motivos biológicos. Transpor essa concepção de sujeito para o espaço da escola implica conceber o ensino e a mediação docente como potencializadores do desenvolvimento intelectual dos alunos. Nessa perspectiva, o ensino tem uma importância para se compreender a relação entre desenvolvimento e aprendizagem uma vez que “a criança abandonada a si mesma, não pode atingir nenhuma forma evolucionada de pensamento abstrato e, precisamente por isso, a tarefa concreta da escola consiste em fazer todos os esforços para encaminhar a criança nessa direção, para desenvolver o que lhe falta” (VIGOTSKI et al, 2012, p.113). Desse modo, o bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento e, assim, a aprendizagem é a fonte desse desenvolvimento: “o processo de desenvolvimento não coincide com o da



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

aprendizagem, o processo de desenvolvimento segue o da aprendizagem, que cria a área de desenvolvimento potencial” (Idem, p.116).

Nesse âmbito, problematizamos: qual a relevância da Pedagogia Soviética para o nosso objeto de estudo? Nardotto (2007) vai mostrar, por meio da teoria de Vigotski, que as crianças antes de iniciarem a aprendizagem da gramática na escola, já possuem um conhecimento gramatical, embora inconsciente desse saber. Nesse contexto, a função social da escola é levar os alunos a tomada de consciência das formas gramaticais da língua para que possam utilizá-las de forma criativa no convívio social com o outro, isto é, imersos em situações sócio-histórico-culturais.

Vigotski (2001) compreendeu, da mesma forma que Bakhtin, que transmitir conceitos por processos de ensino direto se mostra pedagogicamente estéril. A criança que recebe esse tipo de ensino torna-se impotente diante de qualquer tentativa de uso do conhecimento assimilado. Com isso, acreditamos que essa discussão possa ser estendida para as nomenclaturas e classificações do sistema gramatical da língua.

Para o trabalho com as docentes, partimos da metodologia colaborativa, uma vez que o problema de estudo, anunciado no início deste texto, reverbera para a mobilização com as professoras dos conceitos de gramática, “análise linguística” e o modo de apropriação dos conteúdos gramaticais apropriados pelos alunos. A colaboração torna-se indispensável, nesse contexto, quando a proposta de investigação traz uma concepção de pesquisa como atividade de produção de conhecimento não só para o pesquisador como também para os colaboradores, o que requer um conceito de formação. Sobre isso tomamos Macedo (2010) e Freire (1983, 2001) quando ambos acenam a importância de valorizar a formação do outro a partir do seu lugar que fala, que entende e que opina. Mediante um processo de dialogia e alteridade, a formação se perfaz nos sujeitos com suas experiências, suas condições, referências e necessidades, refletindo no que Macedo (2010) denomina de existências cidadãs em aprendizagem e em qualificação da vida.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Como estamos pautados em autores da perspectiva histórico-cultural e numa suposta reflexão dos conceitos de gramática e “análise linguística”, partilhamos dos princípios teóricos de Ferreira (2009) quando propõe uma metodologia para o ensino-aprendizagem de conceitos. Por meio do debate empreendido por Vigostski (2001) acerca dos conceitos espontâneos e científicos, a autora apresenta procedimentos para uma re(elaboração) conceitual partindo da ideia de que estudar um conceito implica verificar o seu desenvolvimento e as condições indispensáveis para uma compreensão mais aprofundada de sua essência. Ao dialogar com Kosik (1976), verificamos que atingir a essência de um fenômeno requer que ultrapassemos a imediatez e a representação, ou seja, que ultrapassemos o mundo da *pseudoconcreticidade* ou uma *práxis cotidiana/utilitária* em que se cria o pensamento comum que, à sua vez, familiariza-se com as coisas, com o seu aspecto superficial e com técnicas de tratamento dessa mesma coisa no dia-a-dia.

Com o exposto, entramos em campo, especificamente numa escola de Ensino Fundamental do município de Jequié, no estado da Bahia. A nossa investigação envolve quatro professoras de Língua Portuguesa e, no momento, coletamos dados para verificar como anda o ensino dos conceitos gramaticais nas aulas de LP bem como a formação conceitual dessas professoras com o objetivo de tentar responder os seguintes objetivos: verificar os modos de apropriação dos conteúdos gramaticais pelos alunos tomando como base as práticas pedagógicas de Língua Portuguesa; analisar a relação concernente entre o praticado na sala de aula e o processo de formação conceitual das professoras colaboradoras.

Para tanto, fizemos observação com registro em diário de campo, aplicação de questionários, entrevistas e gravações em áudio. Observamos 23 aulas nos meses de abril a junho. Entre os dados, socializamos um trecho de um diário de campo:



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A professora iniciou a aula por meio do recurso data show expondo para os alunos slides sobre as 10 classes de palavras. Do mesmo modo que a aula anterior, a professora desenhou um gaveteiro no quadro e mencionou que as palavras devem ser encaixadas em cada gaveta a depender de sua classificação. Em seguida, mencionou que as classes de palavras se dividem em variáveis e invariáveis. No momento de falar sobre o advérbio, trouxe uma perspectiva de que essa classe pode ser variável e invariável. Uma perspectiva mais atual do campo da linguística considerando a “Gramática Pedagógica” de Marcos Bagno. Depois disso, a professora apresentou 5 classes de palavras – substantivo, adjetivo, artigo, numeral e pronome – da mesma forma: apresentava a conceituação, pedia que os alunos exemplificassem [...]

Nesta aula verificamos que a educação bancária, como compreendeu Paulo Freire, continua presente nas práticas pedagógicas. Tomar as nomenclaturas gramaticais de forma estanque e classificatória ainda é uma realidade, embora temos, desde a década de 1980, uma ampla bibliografia concernente a uma desconstrução desse tipo de prática por intermédio das contribuições do campo da linguística. Nesse âmbito, desponta a defesa de que não dá mais para denunciar o que o professor faz na sala de aula, e sim, pensarmos num processo de colaboração com o intuito de discutirmos conceitos e concepções da Pedagogia da Língua Materna e, assim, garantir que “o conhecimento prático deve se articular ao teórico e vice-versa, portanto, refletir sobre a prática envolve a necessidade de rever a teoria e de desvelar as vicissitudes da ação docente” (IBIAPINA, 2008, p. 57).

À guisa de considerações finais, estamos num momento de verificação da formação conceitual das professoras por meio de entrevistas. Com os dados das observações, entrevistas, questionários, diários de campo e transcrições faremos uma triangulação e análise prévia. Em seguida, estabeleceremos sessões de estudo e de reflexão. O propósito dessas sessões é debatermos e refletirmos sobre a finalidade do ensino gramatical em aulas de LP ao passo que vamos (re) formulando os conceitos de gramática e “análise linguística” e sua relação com a



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

nossa prática pedagógica. Finalizamos com as indicações de Macedo (2010a) quando defende que a etnopesquisa-formação pressupõe que a academia saia de seus muros e intervenha com as pessoas num dado contexto, pois o conhecimento adquirido pode estar constantemente em relação dialética com a prática estudada na ação.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, E. B. C. Trabalhar com textos e a partir do texto: mudanças didáticas e pedagógicas no ensino de Língua Portuguesa. In: **Reunião Anual da Associação Nacional De Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2001, Caxambu. Caxambu: ANPED, 2001. GT10.
- ALBUQUERQUE, E. B. C.; FERREIRA, A. T. B.; MORAIS, A. G. de. As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras? In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2005, Caxambu. Caxambu: ANPED, 2005. GT10.
- ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, M. **Português ou brasileiro**: um convite à pesquisa. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. 7. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- _____. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. 3. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.
- _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRITO, L. P. L. **A sombra do caos**: ensino de língua x tradição gramatical. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1997.
- CAMARA Jr., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 31ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CASTILHO, A. T. de (Org.). **Gramática do Português Falado**. Vol. 1: A ordem. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- _____. **A língua falada no ensino de português**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- CHOMSKY, N. **Novos Horizontes no estudo da linguagem e da mente**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- CUNHA, A. M. da. Professoras alfabetizadoras e a língua materna: relacionando as expectativas, os conteúdos e a forma de ensiná-los. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2005, Caxambu. Caxambu: ANPED, 2005. GT10.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FERREIRA, Salonilde Maria. **Buscando caminhos: uma metodologia para o ensino-aprendizagem de conceitos**. Brasília: Liberlivro, 2009.
- FRANCHI, C.. **Mas o que é mesmo gramática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação**. 3 ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.
- _____. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. [1991].
- _____. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. [1984].
- _____. **Tranças do poder**, danças dos letrados: a infatigável tarefa de frear a língua. Unioeste. Vol. 10, No 2 (2008).
- GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GODINHO, R. de A. A abordagem do micro-universo linguístico pela via do estudo dos gêneros textuais e das relações entre oralidade e escrita. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2006, Caxambu. Caxambu: ANPED, 2006. GT10.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. **Introdução à Gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GRACIANO, M. R. da S; ALMEIDA, C.M. de C. Produção de conhecimento em língua portuguesa com saberes do cotidiano e da tradição do campo. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação de Pesquisa em Educação**, 2006, Caxambu. Caxambu: ANPED, 2006. GT10.
- GUIMARÃES, Eduardo. A língua portuguesa no Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 24-28, abr./jun. 2005. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo>>.
- IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Mello. **Pesquisa Colaborativa: Investigação, Formação e Produção de Conhecimentos**. Brasília: Liber Livro, 2008.
- KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1996.
- _____. **Argumentação e linguagem**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. **O texto e a construção de sentidos**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1974.
- LURIA, Alexandr Romanovich. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa Crítica Etnopesquisa- Formação**. 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.
- MACEDO, Sidnei Roberto. **Compreender/Mediar a Formação: o fundante da educação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010a.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MELLO, R. R.; REYES, C. R.; REALI, Aline M. M. R.; MARTUCCI, E.; LIMA, E. F. de; MIZUKAMI, M. da G. N.; TANCREDI, R. S. P. Concepções de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental sobre o ensino da língua. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2000, Caxambu. Caxambu: ANPED, 2000. GT10
- MILLER, S. O trabalho epilinguístico na produção textual escrita. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2003, Caxambu
. Caxambu: ANPED, 2003. GT10.
- _____. A reflexão sobre a língua e a superação das dificuldades de leitura e escrita. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2004, Caxambu. Caxambu: ANPED, 2004. GT10
- MARINHO, Marildes. A língua portuguesa nos currículos de final de século. In: BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. p. 44-90.
- MORAIS, A. G. de. Monstro à solta ou... "análise lingüística" na escola: apropriações de professoras das séries iniciais ante as novas prescrições para o ensino de "gramática". In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2002, Caxambu. Caxambu: ANPED, 2002. GT10
- NARDOTTO, E. Bakhtin e Vigotski: reflexões sobre o ensino da língua materna. **Aprender: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação/UESB**. Ano V, N. 07, 2007.
- _____. **Ensino/aprendizagem de conhecimentos gramaticais na perspectiva dos gêneros textuais escritos em aulas de Língua Portuguesa**. Dissertação de Mestrado: PPGE-UFES, 2008.
- NEVES, M. H. de M. **Gramática na escola**. São Paulo: Contexto, 1990.
- _____. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.
- _____. **Que gramática estudar na escola?** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. **A vertente grega da Gramática Tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguística**. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- PÉCORA, A. **Problemas de redação**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PERINI, M. A. **Sofrendo a gramática**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- _____. **Para uma nova gramática do português**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. **Gramática descritiva do Português**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2007a.
- POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola?** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- RUSSEFF, Ivan. O ensino da língua portuguesa: variações em torno da *gramatiquinha* brasileira. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação E Pesquisa Em Educação, 20.**, 2003, Caxambu. Caxambu: ANPED, 2003. GT10. <http://anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/vanrusseff.rtf>
- SANTOS, A. P. O ensino da língua materna no discurso dos professores do Ensino Fundamental: uma dispersão de sentidos. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2009**, Caxambu. Caxambu: ANPED, 2009. GT10.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SILVA, R. M. e. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- SILVA, A. da. Pontuação e gêneros textuais: uma análise das produções escritas de alunos da escola pública. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação d Pesquisa em Educação, 2004**, Caxambu. Caxambu: ANPED, 2004. GT10
- SILVA, Maurício. A gramática brasileira noventaenista: uma história. **Revista Letra Magna**, São Paulo, ano 3, n. 2, p. 1-9, 2006.
- SILVA, A. da; MORAIS, A. G. de. Entre a tradição e inovação: o tratamento dado ao “ensino de gramática” ou à “análise linguística” em livros didáticos de Língua Portuguesa. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação d Pesquisa em Educação, 2009**, Caxambu. Caxambu: ANPED, 2009. GT10.
- SILVA, D. D. da. Conhecimentos de conteúdos específicos da Língua Portuguesa em classes de primeiro ano do Ensino Fundamental na perspectiva de documentos oficiais e de docentes. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2011**. Natal. Natal: Anped, 2011. Gt10.
- Soares, Magda. Português na escola – História de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos. **Linguística da Norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- SOARES, J. de S. Os professores e seus saberes: a questão dos gêneros discursivos e o ensino de língua materna. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2011**, Caxambu. Caxambu: ANPED, 2011. GT10.
- SOUZA, S. B. de. Entre o ensino da gramática e as práticas de análise linguística: o que pensam e fazem os professores do Ensino Fundamental? In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2011**, Natal. Natal: ANPED, 2011. GT10.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1.º e 2.º graus. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. **Gramática**: ensino plural. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VIGOTSKI, L.S.; LURIA, A.R.;LEONTIEV A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 12º ed. São Paulo: Ícone, 2012.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística.** São Paulo: Parábola Editoria, 2005.